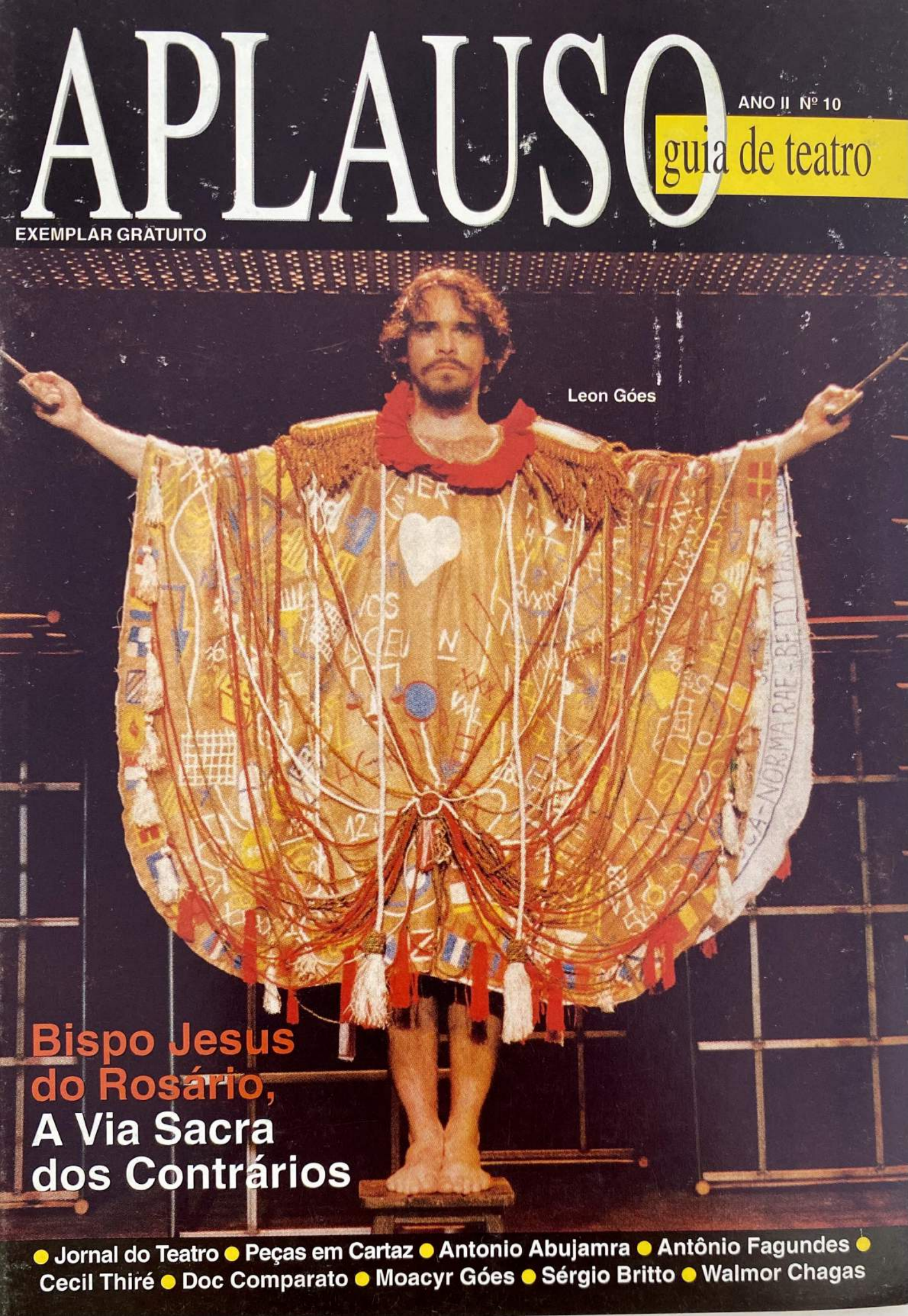
APLAUSO

guia de teatro

ANO II Nº 10

EXEMPLAR GRATUITO



Leon Góes

Bispo Jesus do Rosário, A Via Sacra dos Contrários

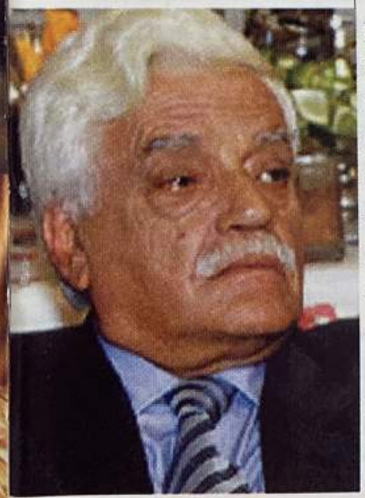
● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Antonio Abujamra ● Antônio Fagundes ● Cecil Thiré ● Doc Comparato ● Moacyr Góes ● Sérgio Britto ● Walmor Chagas

país do mundo que
tem nome de árvore.
A gente tem que
se orgulhar disso."
Tom Jobim
Mata Atlântica
Projeto Tom da Mata:
uma lição de respeito à natureza
Resultado da iniciativa entre FURNAS, o Instituto Tom Jobim e a Fundação Roberto Marinho, o Projeto Tom da Mata tem por objetivo incentivar a preservação ambiental através de convênios com os estados beneficiários.
A área de atuação do Projeto abrange os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Goiás, Pernambuco, Bahia e Distrito Federal, alcançando cerca de 400 mil estudantes.
Apoiado pelo Ministério da Cultura, o Projeto Tom da Mata visa estimular ações concretas de melhoria do ambiente escolar e comunitário.
Tom da Mata
FURNAS
GOVERNO FEDERAL

BASTIDORES

A carta da montanha

"A *Carta de Guaratinguetá* é um documento que não existe. Ainda é um desabafo. Está para ser escrita pelos que gostam de teatro. Num encontro de dois dias aqui na Pousada da Pedra, a meio caminho entre o Rio e São Paulo, reuniram-se alguns artistas e críticos e a conversa, é claro, descambou sobre a atual situação do teatro no Brasil. Constatou-se um desânimo parecido com o da sociedade brasileira. Parece que deixamos de ser revolucionários. Uns lamentaram a ausência de uma dramaturgia que poderia acabar com essa letargia, outros a perniciosa invasão da televisão na carreira dos veteranos e também na dos jovens que iniciam seus estudos a fim de tornarem-se atores. E houve aqueles que queixaram-se do governo e suas leis não acompanhadas de verbas. Conclui-se que, como outras leis do país, a que regulamenta nossa profissão também não pegou. O que conta é o interesse mercadológico das televisões que invadiu os palcos levando o teatro, os atores, os autores e suas carreiras a orbitar em torno da 'moedora de imagens', fazendo-nos esquecer de que a grandeza do teatro reside na ausência de imagem. No teatro não há imagem. Só existe enquanto o ator está vivo na nossa frente, com seu coração e o nosso batendo juntos. Foi aí que surgiu a idéia da *Carta de Guaratinguetá*, a ser escrita pelos que fazem do teatro sua vida.



Teatro não é álbum de fotografia, é livro de poesia. A idéia da Carta brotou no alto da montanha para diminuir a confusão entre o teatro com imagem (TV e cinema) e o velho e bom teatro que só pode ser dialogado entre o palco e a platéia."

Walmor Chagas, setembro/ outubro de 1999

JORNAL DO TEATRO

Patifaria de volta

A Companhia Baiana de Patifaria está de volta, dez anos depois, com o seu maior sucesso, *A Bofetada*, em nova montagem dirigida por Fernando Guerreiro e com Lelo Filho, Frank Menezes, Wilson de Santos e Diogo Lopes Filho. O grupo vai reviver em três atos, pérolas do besteirol como *O Calcanhar de Aquiles*, baseado no texto de Mauro Rasi, *O Ponto e a Atriz* e *Fanta e Pandora*, baseados em textos de Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Na Sala Marília Pêra, do Teatro Leblon.

Professores ilustres

Ney Latorraca é o mais novo professor da Casa das Artes de Laranjeiras – CAL, onde ministra um curso de interpretação para iniciantes. Criada há 17 anos para ser um espaço de fortalecimento do teatro e onde a criatividade pudesse caminhar junto com os objetivos acadêmicos, a CAL teve entre seus alunos Leon Góes, Marcos Palmeira, Murilo Benício. A Casa das Artes também está realizando cursos livres coordenados por profissionais como Nicete Bruno, Sérgio Viotti. Beatriz Segall e Irene Ravache. Uma excelente oportunidade para os futuros profissionais.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tel/Fax: (021)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Divulgação.

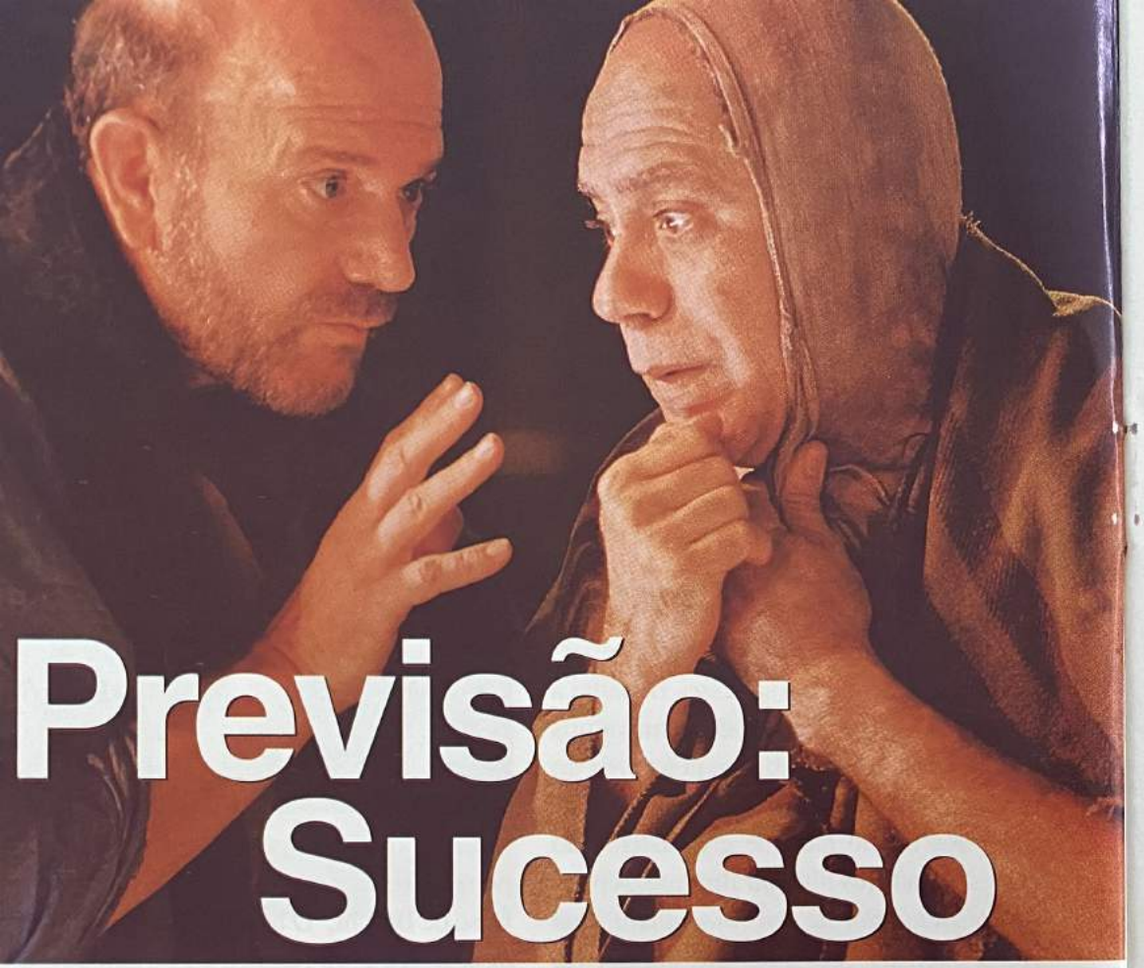
PALAVRA DE ATOR

Antônio Fagundes

De volta ao público

"Dos meus 33 anos de profissão, 30 foram dedicados de forma ininterrupta ao teatro. A bordo da *Companhia Estável de Repertório (CER)*, tive o prazer de montar 10 espetáculos de estrondoso sucesso. Durante a existência da companhia, costumávamos abrir os ensaios ao público, já a partir do primeiro dia de leitura da peça. Mantínhamos um jornal que era distribuído aos espectadores bimestralmente. A peça *Morte Acidental de um Anarquista*, que ficou mais de sete anos em cartaz, foi vista por *740 mil* pessoas. Nos anos oitenta, montei três peças sucessivas — *Cyrano de Bergerac*, *Fragmentos de um Discurso Amoroso* e *Nostradamus*. Nos últimos três anos, resolvi descansar. E foi o texto de *Últimas Luas*, do autor italiano Furio Bordon, que li durante as filmagens do filme *Bossa Nova*, que me fez tomar a decisão de retornar ao palco, estréia marcada dia 7 de outubro no teatro Cultura Artística, em São Paulo. A peça tem uma carga poética e uma profundidade capazes de motivar e emocionar o público. Nenhum outro texto me tocou tanto quanto esse nos últimos tempos.

Emocionar o público e trabalhar pensando nele é fundamental. Como na frase de Brecht, '*O teatro é feito de atores, de autores e de público*'. Durante anos, atores e produtores esqueceram-se de um dos alicerces deste tripé. Estivemos voltados apenas para nós mesmos, para a nossa própria satisfação. Mas, para que o teatro permaneça, é essencial a existência de uma platéia ativa. Estamos vivendo um momento em que tanto o teatro quanto o cinema e a televisão estão redescobrindo os caminhos que levam ao público. Para aqueles que agora estão iniciando a profissão, é sempre bom manter em mente a frase do clássico autor espanhol Lope de Vega: "*O Teatro se faz com um tablado dois atores, uma paixão*". Eu acrescentaria: *e um público apaixonado*."



Previsão: Sucesso

Com texto de Doc Comparato e direção de Renato Borghi, o espetáculo Nostradamus mostra no palco do CCBB a história do homem que gostava de adivinhar o futuro.

Por Dalila Magarian

Prever o futuro pode ser uma tarefa impossível para a maioria das pessoas, mas para Doc Comparato, autor do texto do espetáculo *Nostradamus*, com estréia no Centro Cultural Banco do Brasil exatamente no dia 9/9/99, a tarefa nunca pareceu tão familiar. Para escrever o roteiro, ele foi obrigado a ler mais de 40 títulos. Acabou optando por misturar realidade e ficção para contar a história de Michel de Notredame, médico e astrólogo francês que, ao fazer previsões, acabou perseguido pela Inquisição e rechaçado pela nobreza do século 16. "Há muitos dados reais, mas não se trata de um documentário, e sim de uma obra de ficção. Assim, tomei a liberdade de inventar personagens e de trocar as datas de acontecimentos verdadeiros", afirma Comparato.

O espetáculo, que reúne cenas de humor e momentos poéticos e reflexivos, tem início quando Nostradamus, já na faixa dos 40 anos de idade, recebe do amigo Julius o livro *De Mysteriis Egyptorum*, através do qual começa a exercitar a predição. No papel principal está o ator Cecil Thiré, que divide a cena com Laura Cardoso interpretando Catarina de Médicis, e Tonico Pereira, como Julius, além de um elenco de outros 12 atores. "Para alguns pesquisadores, por exemplo, este livro jamais teria existido de fato", diz Comparato.

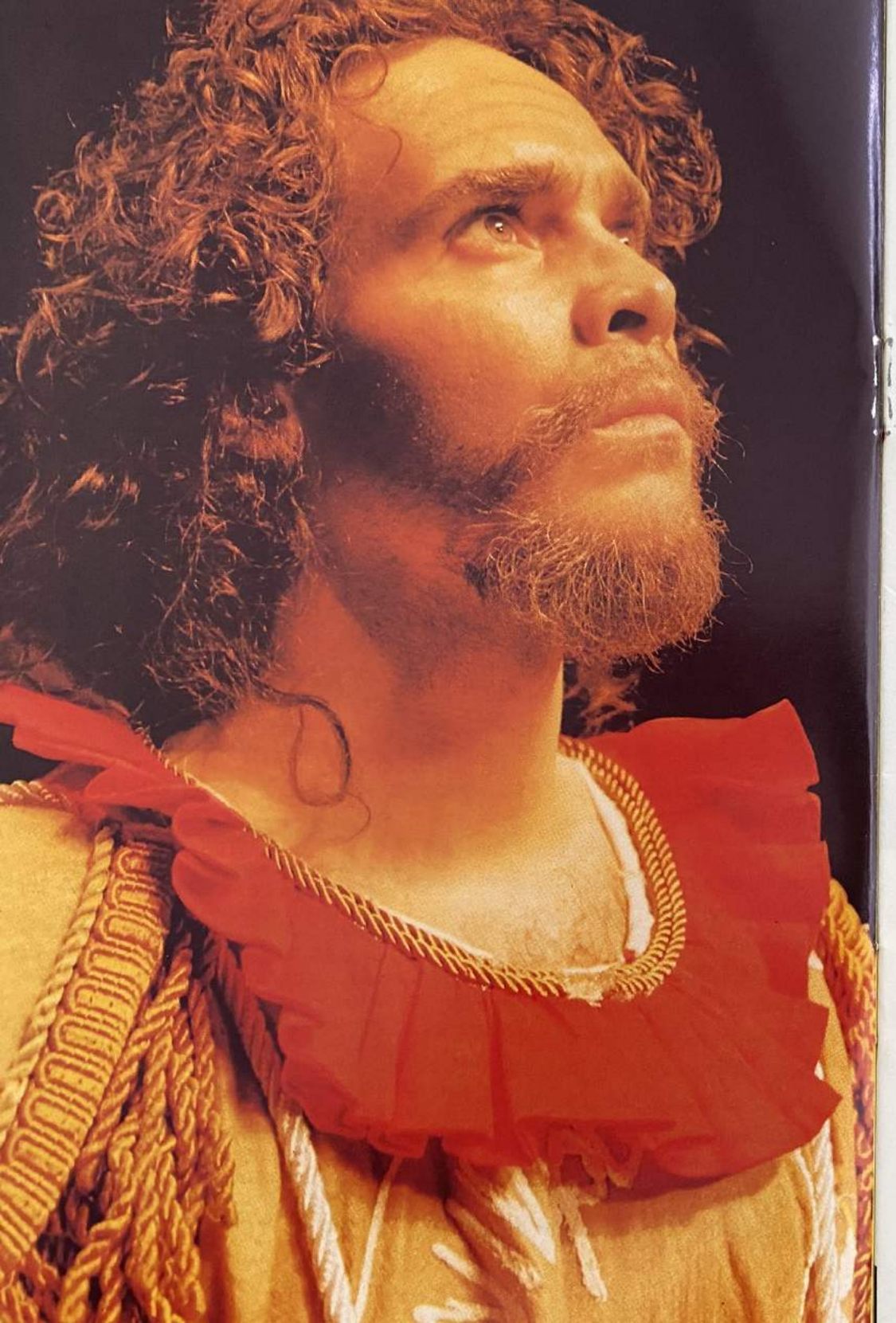
Segundo o diretor, Renato Borghi, a intenção da peça é tratar dos conflitos interiores de um homem que, aos poucos, descobre-se irremediavelmente prisioneiro do futuro. "Alguém que é acometido por visões, algumas vezes aterradoras, e se percebe impotente em relação ao destino", resume o diretor. Para Comparato, não importa se Nostradamus podia realmente prever ou não o futuro. No texto, não entra em jogo o caráter falso ou verdadeiro de suas previsões. "Estamos interessados no perfil de um homem que tinha uma imaginação fértil e que, mesmo quinhentos anos depois de sua morte, continua intrigando milhares de pessoas no mundo todo".

Alguns personagens, como o amigo e confidente Julius, e o cardeal Narbona, foram criados por Comparato. Na verdade, o cardeal foi batizado pelo autor como Narbona porque, segundo alguns dos pesquisadores, foi nessa cidade italiana que Nostradamus teria feito uma de suas primeiras profecias (ele teria dito que o criador de porcos Felice Peretti se tornaria Papa, o que de fato aconteceu).

A ambientação da peça e os figurinos ficaram a cargo do cenógrafo J.C. Serroni. O espetáculo também marca o retorno ao teatro da fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller, responsável pela direção vocal interpretativa. Embora esta não seja a primeira montagem do texto (a primeira aconteceu em 1986, tendo Antônio Fagundes no papel-título e direção de Antonio Abujamra), não é preciso possuir dotes astrológicos para antecipar que, às vésperas da virada para o ano 2000, a curiosidade transformará a atual temporada num previsível sucesso de público. Que assim o diga Nostradamus! ❖

Nostradamus

Michel de Notredame nasceu em St. Rémy, na Provença, em 1503. Estudou filosofia em Avignon e graduou-se em medicina em Montpelier. Como médico, possuía especial interesse em debelar as pestes. Em torno de 1547, deu início às suas profecias. Em 1555, enviou à rainha Catarina de Médicis o primeiro volume de suas Centúrias — 642 profecias escritas em linguagem metafórica, na forma de versos e quadras. Morreu em 1566, aos 63 anos (na peça, o personagem morre aos 70 anos). Algumas das previsões que costumam ser atribuídas a Nostradamus: a morte do rei Henrique II, marido de Catarina; a Revolução Francesa; o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki; a ascensão de Hitler.



Bispo Jesus do Rosário

A Via Sacra dos Contrários

Moacyr Góes conta a história do artista que acreditava ser Deus. **Por Dalila Magarian**

Desde que visitou a exposição do artista plástico Bispo do Rosário, no Museu de Arte Moderna, no Rio, há dez anos, o diretor Moacyr Góes não conseguiu mais tirar o assunto da cabeça. "Sempre fui muito fascinado pela vida e pela obra do Bispo, mas a partir daquele dia fazer a peça passou a ser uma necessidade pessoal", comenta Moacyr. Foram necessários os últimos dois anos para que a urgência do diretor terminasse de ganhar forma em *Bispo Jesus do Rosário – A Via Sacra dos Contrários*, que estreou dia 10 de setembro no teatro Carlos Gomes. Com patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, o espetáculo marca os 88 anos de nascimento do artista e uma década de sua morte.

Escrita por Clara de Góes, a peça tem Leon Góes como protagonista (ambos irmãos de Moacyr), além de um elenco de 29 atores, entre eles os formandos da Casa de Artes de Laranjeiras (CAL). "Eu quis muita gente no palco para trabalhar a idéia da colônia psiquiátrica Juliano Moreira, onde o Bispo viveu por 50 anos", explica Moacyr, que no final do ano lançará um livro sobre o processo experimental de criação do espetáculo, pela editora Aeroplano.

Embora alguns momentos da vida do artista sejam retratados, não se trata de uma peça biográfica, adverte o diretor. "Não é possível fazer teatro com uma completa fidelidade. O personagem ganha autonomia e vida própria. Neste caso,

a discussão sobre amor, arte e fé é maior que a questão cronológica." Para Moacyr, está bastante claro que Bispo era um homem de determinação impressionante, capacidade de criação artística fenomenal e fé inexpugnável." Também não foi o caso de pintar o rosto de Leon Góes de negro, como era o Bispo, para dar mais veracidade ao personagem. "A caracterização física era o de menos. O mais importante foi conseguir um distanciamento e abrir um novo canal de representação, um novo estado de espírito", afirma Leon. Para a realização do espetáculo, o ator esteve na colônia psiquiátrica onde Bispo passou seus últimos 50 anos, conversou com pacientes e ouviu pessoas que conviveram com o artista. "Senti de tudo: depressão, alegria, tristeza. Mas o aspecto que se tornou a minha viga mestra de trabalho foi constatar a imensa solidão dos internos, e imaginar a solidão de um homem que se achava o próprio Deus."

O espetáculo

A peça é dividida em 14 cenas. "A via sacra dos contrários remete à idéia de um Cristo ao contrário, como foi o Bispo, que não tinha seguidores, nem apóstolos, nem credibilidade. É a imagem invertida de Cristo. A única coisa que ele tinha era sua obra", diz o diretor. Além de possuir uma paixão platônica pela estagiária de psicologia Rosângela Maria Magalhães, na peça interpretada pela atriz Helena Ranaldi, que recebeu o nome de Verônica. "A relação entre Bispo e Rosângela é importante porque, a partir do fascínio que ele sente por ela, é que começa a mudar sua obra, seu comportamento, e passa até a cuidar de sua aparência", acrescenta Moacyr. Completam o elenco Natália Lage, Luiz Washington, Flávia Guimarães, Lourival Prudêncio, Marcela Cartaxo, Vanusa Splinder e Junia Busch.

O figurino

Afinado em todos os detalhes, o espetáculo também conta com o esmero da cenografia (a cargo de José Dias) e do figurino, criado por Samuel Abrantes. Abrantes tomou especial cuidado com a criação do 'Manto da Apresentação', que Bispo do Rosário costumava vestir nos momentos em que acreditava se apresentar a Deus. No manto original, Bispo bordava os nomes das pessoas que deveriam, segundo sua concepção, merecer a vida eterna. No figurino feito por Abrantes, os bordados foram mantidos, porém com nomes de artistas brasileiros, como Fernanda Montenegro.

Quem foi Bispo do Rosário?

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japaratuba, no Sergipe, em março de 1911. No dia 22 de dezembro de 1938, o ex-marinheiro e pugilista teve uma visão — Cristo descia no quintal onde ele trabalhava, no bairro carioca de Botafogo, envolto numa aura luminosa e protegido por sete anjos azuis. Durante dois dias, Bispo perambulou pelas ruas da cidade, delirante, até ser preso e internado no Hospital de Alienados da Praia Vermelha, de onde foi transferido para a Colônia Juliano Moreira, onde viveu por meio século.

Artesão talentoso, antes de enlouquecer costumava construir brinquedos com folhas de flandres e fazer pequenas esculturas de madeira. Internado com diagnóstico de esquizofrenia paranóide, realizou uma obra numerosa. No início, usando apenas fios azuis que arrancava de seu uniforme de interno e de lençóis encardidos, ele bordou, com palavras e imagens, os fatos de sua vida. Com o mesmo fio azul recriou objetos "embalsamados" que descreviam os ofícios, a casa, e o pequeno mundo ao seu redor. Bordou fardões e faixas de misses, construiu objetos enigmáticos, relevos em metal e navios de madeira, cumprindo a missão que recebera por meio de uma "voz" ouvida em sua cela, de reinventar o universo e entregá-lo de volta a Deus. Morreu em 1989, aos 78 anos.

O veneno do teatro

Divertimento à moda de Abujamra, que relembra seus quase 50 anos de carreira. **Por Maria Lúcia Rangel**

O *Veneno do Teatro*, que reúne no palco do Teatro Gláucio Gil o ator Antonio Abujamra e o filho músico, André Abujamra, é um espetáculo concebido para divertir as pessoas. Mas divertir à maneira de Antonio Abujamra. Aos 49 anos de profissão, ele não sabe divertir sem um estofo cultural forte. Cultíssimo, irreverente e apaixonado pelo teatro, ele brinca que não adianta querer ser um Costinha, uma Dercy Gonçalves ou uma Goretti. Ele é outra coisa. E esta outra coisa que ele é, lê poemas e conta histórias que "acrescentam" para o público que deseja ser "acrescentado". Abujamra dá à platéia a liberdade de gostar ou não. Mas uma coisa ele garante: nesse espetáculo, a juventude ouve uma série de coisas que, provavelmente, não tem ouvido em nenhuma universidade brasileira.

Por exemplo? Ele fala da sua geração de teatro e o porque da não criação de uma geração de teatro depois da revolução. O que aconteceu para não existirem mais diretores como Antunes Filho, Amyr Haddad, Augusto Boal, Adhemar Guerra, Flávio Rangel e o próprio Abujamra? "Por que apareceu um genial diretor, uma merda de diretor, um grande diretor, mas não mais uma geração? A revolução de 64 conseguiu isso. E até hoje, provavelmente, segundo Haddad, a nossa geração é a mais moderna do teatro brasileiro. Quero dizer com isso que o país vai mal!"

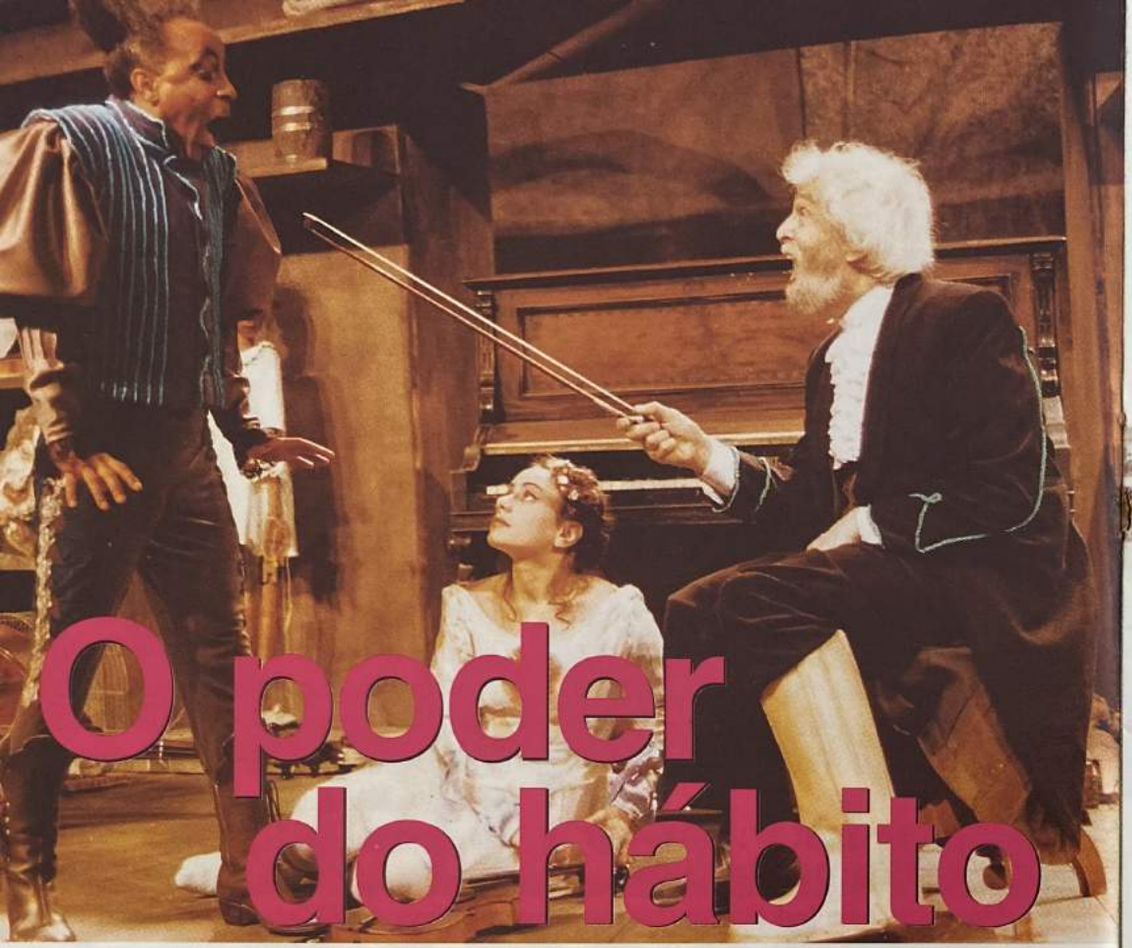
Abujamra, ator: um caso de amor tardio

Esse compêndio de deliciosas histórias já foi conferido pelas platéias do Paraná – o espetáculo estreou no Festival de Teatro de Curitiba em 1998 – e de São Paulo. Mas chega ao Rio mais evoluído, com a escolha dos textos se tornando "mais ardente", segundo ele porque lê poetas muitos fortes que o público recebe respeitosamente calado.

"Tem textos meus também, do Lacan, do Nietzsche, Fernando Pessoa, Sartre. Todas as minhas influências. Quando você chega aos 67 anos de idade não adianta querer dizer que não teve influências. Eu tive. E elas foram explodindo no espetáculo. No final mostro um vídeo de quase nove minutos, num telão, com o espetáculo *Exorbitâncias*, e que eu recoloco aqui porque é uma relação muito bonita de amor e ódio à profissão. É onde falo mal de todos nós, dizendo não poder viver sem os nós, mesmo os odiando. Eu queria mesmo ser o rei da incoerência em qualquer coisa que fizesse. Mas rei da incoerência, só o Mário Sá Carneiro! Tem também uma adaptação de Patrícia Melo do livro *Aves Abatidas*, do Thomas Bernhard, um ensaio crítico sobre os atores em geral e onde eu falo que os atores de televisão não têm nenhuma técnica teatral."

Mas Abujamra faz televisão. Diz não querer ficar por fora da mediocridade. Está no ar na novela *Andando nas Nuvens*, da TV Globo, mas até hoje é reconhecido nas ruas como Ravengar, seu personagem na novela *Que Rei sou Eu?*, de 89: "Eu sou um caso de amor tardio ao ser ator. Dirigi teatro até os 38, 39 anos, e acho que virei ator porque não queria mais ensinar aos outros. Preferi ficar aprendendo comigo mesmo. Em vez de ensinar como fazer amor, preferi fazer amor. E descobri uma coisa maravilhosa sendo ator: tem uma zona escura no palco onde o diretor não entra. Ela é do ator."

Paralelamente, o grupo Os Fodidos Privilegiados, criado por Abujamra em 1991, está apresentando durante o mês de setembro, no Teatro Villa-Lôbos, suas quatro últimas produções: *O Casamento*, de Nelson Rodrigues, *As Fúrias*, de Rafael Alberti, escritor que Abujamra considera o grande poeta da revolução, *Tudo no Timing*, de David Ives e O *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna: "É um grupo muito potente e sem nenhum auxílio econômico. É fodido mesmo. E privilegiado porque faz o que quer sem perder a liberdade". ❖



O poder do hábito

Sérgio Britto leva ao palco do Teatro UniverCidade a história do dono de um circo que tenta transformar em músicos seus companheiros de picadeiro. Uma parábola sobre o poder autoritário e a insatisfação com o cotidiano. Por Maria Lúcia Rangel

Aos 54 anos de carreira e 76 de idade, Sérgio Britto enfrenta o que ele chama de o maior desafio de sua carreira: subir ao palco à frente do elenco da peça *O Poder do Hábito*, escrita em 1974 pelo austríaco Thomas Bernhard, num papel com variações constantes. Apesar de admitir que enfrenta muitas dificuldades, o prazer é enorme, diz ele, que está sendo dirigido por uma alemã de apenas 27 anos, Nehle Franke.

O Poder do Hábito conta a história de Caribaldi, dono de um circo e violoncelista amador que tem a idéia fixa de executar o quinteto *A Truta*, de Schubert. Acontece que nenhum de seus companheiros de circo sabe tocar coisa alguma e ele, obstinadamente, começa os ensaios, forçando-os a tocar. O quinteto é formado por violino (Hilton Cobra, malabarista), viola (Cibele de Sá, equilibrista de corda), piano (Caco Monteiro, domador), contrabaixo (Emmanuel Ferreira dos Santos, palhaço) e violoncelo (Sérgio Britto, o dono do circo, Caribaldi). Os atores, depois de exaustivas aulas com o professor Gerônimo, conseguiram tocar o tema principal da obra de Schubert. "Mal pra burro", reconhece Sérgio. Segundo ele, a peça é uma tragicomédia sobre a tirania e o desespero de quem quer atingir o impossível.

"Você vê um homem mandando e sacrificando os outros de maneira estúpida", conta Britto. "Dentro de mim, Caribaldi é um sujeito ansioso para sair da porcaria de vida que tem. Agora, dá uma parábola curiosa. Porque os personagens falam horrores dele. São todos vítimas desse poder diário que ele exerce. Pensa em quantas pessoas você conhece que, tendo uma vida horrível, inventam coisas para sair dela. Ou então em quantos poderosos do governo e das indústrias que fazem horrores justificando suas atitudes como uma meta."

Na parceria entre Sergio Britto e Nehle Franke, há também uma troca de geração. A juventude dela e a experiência dele. Como está sendo o trabalho? "Até que ponto eu dou alguma coisa à ela, não sei. Mas posso dizer que ela me deu muito. Principalmente a exigência dela – acho que de todos os diretores que tive ela é a mais exigente – no sentido de estar sempre procurando e experimentando todos os meios para chegar onde quer." ❖

Diretora apaixonada

A alemã Nehle Franke formou-se em Berlim e chegou a ser assistente de direção do Teatro Municipal Maxim-Gorki-Theater. Em 1994 chegou ao Brasil e seguiu para Fortaleza, onde trabalhou até 96. Com *Matança de Porco*, de Peter Turrini, recebeu o prêmio anual das Artes Cênicas de Fortaleza pela melhor direção, melhor espetáculo, melhor ator, atriz e ator coadjuvante. Sua carreira no Nordeste deslanchou e os prêmios foram se acumulando. Na Bahia, onde vive desde 97, montou o premiado *Divinas Palavras*, de Ramón del Valle-Inclán, e com ele viajou para Curitiba, São Paulo, Londrina, Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro.

Thomas Bernhard é uma antiga paixão que ela apresentou a Sérgio Britto. Bastou contar a história de *O Poder do Hábito* e ele já se comprometeu a encená-la. Ela própria traduziu a peça. E, pela primeira vez, trabalha com um ator consagrado: "No caso, minha intenção ao convidá-la não era trabalhar sob sua direção", explica Sérgio. "Mas como ator, é claro que tinha essa vontade". Para Nehle, tê-lo no elenco foi a condição para aceitar o convite. E diz ser um desafio trabalhar com alguém que, só de teatro, tem exatamente o dobro de sua idade.

Jogo de máscaras

A máscara oculta? Não no teatro, é o que prova o grupo Moitará. **Por Renata Petrocelli**

"Seo" Hilário é um velhinho brincalhão, de 70 anos, que recita versos para a sua amada, Maria dos Bobes, uma solteirona tímida e apaixonada que não se deixa vencer pelos galanteios. Equitares Passarim ama os pássaros — é um sem-terra trabalhador, tio de Zé da Riga, inventor de histórias que faz qualquer negócio para sair de situações embaraçosas. Os quatro personagens, inspirados em tipos bem brasileiros, são algumas das criações de Vinício Fonseca, Érica Rettl e Marise Nogueira, o grupo Moitará, que transmite sua experiência técnica e cênica de máscara teatral em exposições, palestras-espetáculos e oficinas de confecção e utilização de máscaras. O grupo, que já tem 11 anos, está preparando seu terceiro espetáculo.

Nascido em 1988, o Moitará iniciou suas pesquisas com o estudo da linguagem das máscaras balinesas, da italiana Commedia de L'Arte e do teatro Nô japonês. Surgiu então a necessidade de entender o significado da máscara na cultura e no teatro brasileiros, e assim, bebendo na fonte da literatura oral e na observação cotidiana de tipos, nasceram "Seo" Hilário e sua turma.

A criação é alimentada por quatro horas diárias de treinamento físico. Só depois de dedicada especial atenção à consciência dos movimentos é que Érika e Marise estão prontas para "encontrar" as máscaras. A partir daí, já vestidas de suas personagens, são dirigidas por Vinício.

Parte essencial do trabalho do Moitará é a confecção das próprias máscaras, que ganham forma em papel e tela, utilizando-se a técnica de colagem, ou em couro. Mas somente o ator eleva a máscara em condição de personagem, oferecendo-lhe uma leitura, um corpo e uma voz. "A máscara é como um texto: orienta o ator e necessita dele para ser teatro", diz Marise.

O trabalho de treinamento do ator evolui no contato com os diversos tipos de máscara. São elas:

***Máscara Neutra*:** não é um personagem, mas um estado expressivo que amplia os sentidos do ator.

***Máscara abstrata*:** representa um estado de deformidade e inicia a relação do ator com o espaço.

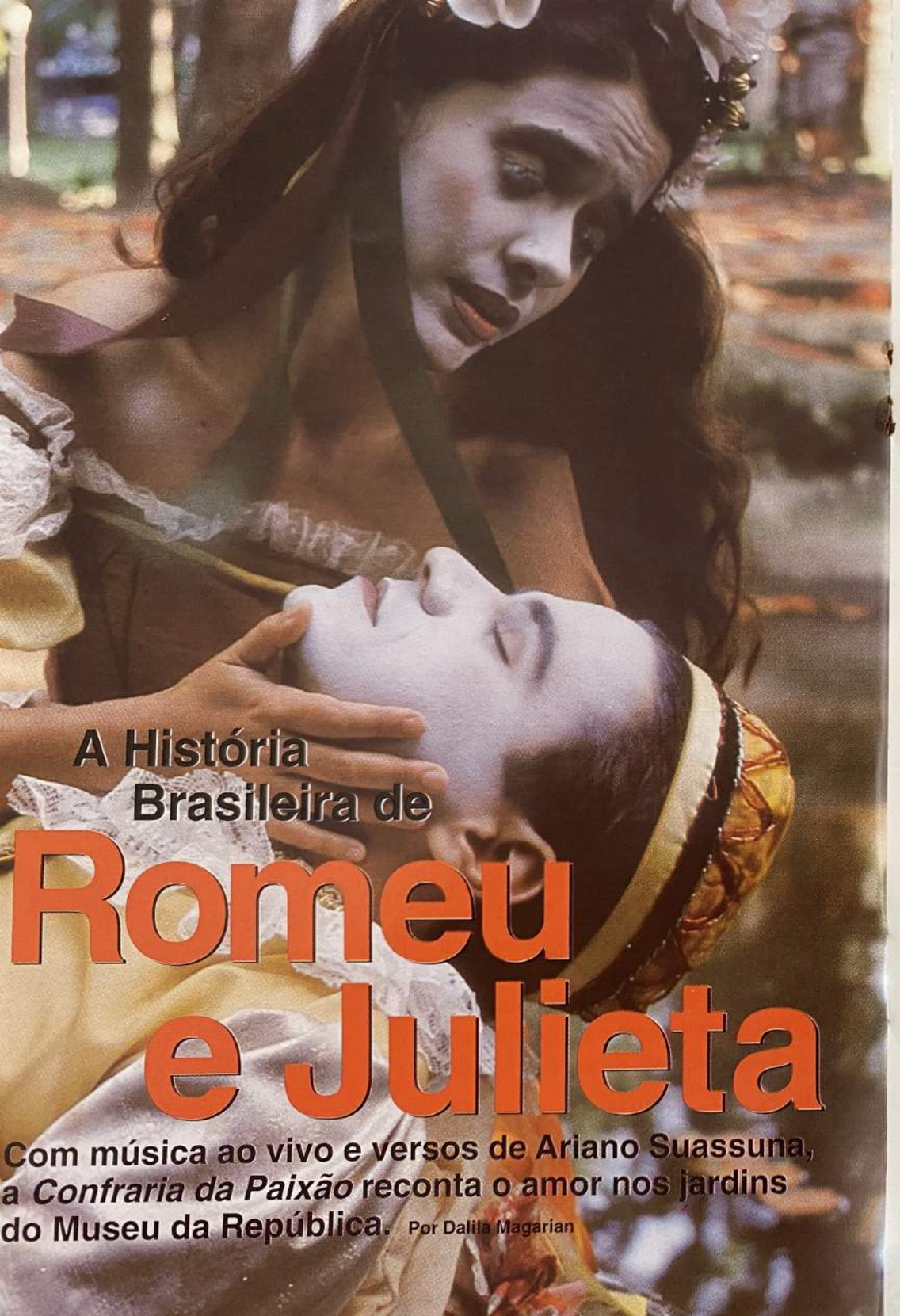
***Máscara Larvária*:** É aí que começa a sugestão de um corpo para o ator, ainda em estado embrionário.

***Máscara Expressiva*:** já sugere a definição do caráter do personagem.

***Meia Máscara*:** é a primeira a trabalhar a voz, deixando a boca do ator descoberta. As anteriores são inteiras.

***Acento*:** valoriza a testa e o nariz.

O processo termina com o nariz do clown (palhaço). E, na definição de Vinício, revela o ator, levando-o a despir-se de sua própria máscara para encontrar a do personagem. "Num corpo só cabe uma máscara — ou a do ator ou a que ele está utilizando. Por isso a máscara é impiedosa: revela tudo", afirma. ❖



A História Brasileira de Romeu e Julieta

Com música ao vivo e versos de Ariano Suassuna, a *Confraria da Paixão* reconta o amor nos jardins do Museu da República. Por Dalila Magarian

A célebre história do casal que desafia suas famílias mortalmente inimigas ao apaixonarem-se perdidamente, chegando às últimas consequências, ganhou uma imitação brasileira. No bom sentido, é claro. Através do encontro da tradição popular e da erudita, Ariano Suassuna escreve a sua versão dos fatos em *A História do Amor de Romeu e Julieta*, tendo como fonte principal um folheto de cordel de João Martins de Atahyde, cantado no nordeste do país. Autor de *Auto da Compadecida* e *Farsa da Boa Preguiça*, Suassuna, porém, não se limitou a contar o enredo universalmente conhecido. Atribuiu a ele novos sentidos — acrescentou, por exemplo, à rivalidade entre as famílias, o assassinato da mãe de Romeu, quando ele ainda era menino.

Durante uma hora de espetáculo, a Confraria da Paixão recria os personagens com uma extrema agilidade narrativa. A trajetória de Romeu na visão cordelista é representada como a do herói que deve vingar o pai, mas que diante da paixão repentina pela doce Julieta, deixa a promessa esquecida no fundo de uma gaveta. Suassuna também utilizou referências renascentistas (como os poemas ibéricos Bernal Francês e Romance de Minervina) e contemporâneas (como os versos de Garcia Lorca) para montar o texto. "A peça se estrutura a partir da técnica da colagem, mas não podemos dizer que se trata de uma adaptação, e sim de uma justaposição dos personagens e do enredo de Matteo Bandelo", explica a premiada diretora Elza de Andrade, que além de dirigir a Confraria, acumula a função de professora da CAL e da faculdade Estácio de Sá.

Pela mistura de sons, cores e imagens, o espetáculo promete agradar ao público de qualquer idade. As músicas são tocadas ao vivo pelos artistas Liza Kuernez e Éber Freitas. A trilha sonora inclui composições do cancioneiro popular brasileiro, músicas de autores anônimos e melodias inspiradas nos poemas ibéricos. Um dos destaques é a canção *Adiós Querida*, de autor desconhecido.

O autor

Defensor radical da cultura popular brasileira, Ariano Suassuna fundou, nos anos 70, o Movimento Armorial, que congregava poesia, teatro, música e artes plásticas. Seu primeiro texto para teatro foi a peça *Uma Mulher Vestida de Sol*, tendo sido premiado por textos como *O Casamento Suspeitoso* e *O Santo e a Porca*. Dedicado também à poesia e ao romance, o escritor está prestes a concluir uma trilogia iniciada pela obra *Romance d'A Pedra do Reino*. ❖

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Bofetada

Textos de Mauro Rasi, Miguel Magno e Ricardo Almeida adaptados pela Cia. Baiana de Patifaria. No elenco, Lelo Filho, Wilson de Santos, Frank Menezes e Diogo Lopes Filho. A direção é de Fernando Guerreiro. Sala Marília Pêra do **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

A História do Amor de Romeu e Julieta

O romance do célebre casal é recontado através da linguagem de folheto de cordel. Texto de Ariano Suassuna. Direção, Elza de Andrade. Realização da Confraria da Paixão. No elenco, Alexandre Barros, Flávio Souza, Anna Paula Araújo. Músicos: Liza Kuernerz e Éber Freitas. No jardins do **Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos, 18h. R$ 10.

A Inquisição de Maria

Resgate da visita da Santa Inquisição ao Brasil sob o ponto de vista de Maria Madalena. Texto e direção de Alberto Magno. No elenco, Zaira Zambelli. Espaço II do **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$10.

A Lira dos Vinte Anos

Os acontecimentos marcantes do ano de 1968 são apresentados na peça de Paulo César Coutinho, dirigida por Anacleto Carindé. No elenco, Alessandra Raed, André Rayol, Gláucia Farias, Paulo Abreu, Priscilla Vidal e Rogério Cavalcante. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Terça e quarta, 21h. R$12.

A.M.I.G.A.S

Associação de mulheres interessadas em gargalhadas, amor e sexo. Texto de Duda Ribeiro. Direção de Cristina Pereira. No elenco, Luana Piovani, Fernanda Rodrigues, Mary Sheila, Bebel Lobo e Ernesto Piccolo. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52- Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo repleto de nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. No elenco, Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, Simone Mazzer. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (apenas 35 espectadores por sessão): 554-5281. De quinta a domingo, 20h. Sábados também às 18h. R$ 15. Até 26 de setembro.

As Fúrias/Tudo no Timing/ Auto da Compadecida

A Cia. Os Fodidos Privilegiados encena quatro peças, uma a cada semana, no **Teatro Villa- Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. **As Fúrias** (de 15 a 19 de setembro), de Rafael Alberti, direção de Antônio Abujamra. **Tudo no Timing** (de 22 a 26 de setembro), de David Ives, direção de João Fonseca e Terry O'Reilly. **Auto da Compadecida** (de 29 de setembro a 3 de outubro), de Ariano Suassuna, direção de Antônio Abujamra e Joião Fonseca. Quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

As Guerreiras do Amor

Comédia grega de Aristófones, adaptada por Domingos de Oliveira e dirigida por Jayme Periard. No elenco, Paula Burlamaqui, Oberdan Jr., Mônica Martelli, Roney Villela, Luiz Antônio Pillar e Mano Mello. **Teatro Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 548-1088. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

As Noviças Rebeldes

Comédia de Dan Goggun ambientada em um convento nada tradicional. Direção de Wolf Maya. No elenco, Totia Meirelles, Regina Resteliê. **Teatro Miguel Falabella** (NorteShopping, Av. Suburbana, 5.474, Del Castilho). Fone: 595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10 (qui. e sex.) e R$ 15 (sáb. e dom.).

Até que as Sogras nos Separem

Teatro dos Grandes Atores (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Tel. 325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15(qui), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

Bispo Jesus do Rosário - A Via Sacra dos Contrários

Espetáculo inspirado na história do artista plástico Arthur Bispo do Rosário. Texto de Clara de Góes. Direção e encenação, Moacyr Góes. No elenco, Leon Góes, Helena Ranaldi, Orã Figueiredo, Natália Lage, Luiz Washington, Flávia Guimarães, formandos da CAL. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/ n). Fone: 232-8701. Quinta e sexta-feira, 19h. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10.

Calingualá

Esquetes independentes sobre temas cotidianos criados pelo elenco. Direção de Ivan de Albuquerque. Com Leyla Ribeiro, Lúcio Mauro Filho, Gabriel Gracindo e Camila Caputti. **Teatro**

PEÇA EM TRÊS ATOS: LIGA A TV, SENTA E ASSIS
TE MULTISHOW NEWS DRAMATURGIA.
MUL SHO
CANAL GLOBO

EM CARTAZ

Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, meia-noite. R$15.

Chuveiro Iluminado

Delicioso cabaré lítero-musical que reúne um grupo inesperado, incluindo a escritora Laura Sandroni, o diplomata Afonso Arinos de Mello Franco e a psicanalista Cecília Boal. Direção de Augusto Boal. **Teatro Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Terça e quarta, 21h. R$15.

Clarice

A atriz Clarice Niskier interpreta textos de Clarice Lispector sobre a vida, o amor e o cotidiano. **Teatro Raimundo Magalhães Junior** (da Academia Brasileira de Letras). Avenida Presidente Wilson, 203, 1o.andar). Fone: 524-8230. Sábados e domingos, 18h30. R$ 10.

Dois Perdidos Numa Noite Suja

Nova montagem do texto de Pl'nio Marcos, dirigida por Maria Esmeralda e Jaburu. No elenco, Francisco Neto e Nilvar Santos. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. Terça e quarta, 21h. R$10.

Dolores

Musical de Fátima Valença e Douglas Dwigt contando a vida pessoal e carreira de Dolores Duran. Direção de Antônio De Bonis. No elenco, Soraya Ravenle e José Mauro Brant. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 17 de outubro.

Festival Martins Pena

Textos de Martins Pena encenados pela Cia de Repertório de Comédia Popular. Direção de Marcelo Caridade. Peças: O Diletante, Os Três Médicos, Caixeiro da Taverna, Quem Casa quer Casa, O Ciúme de um Pedestre, A Comédia sem Título. **Teatro do Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 563-4163. Às segundas-feiras, 19h30. R$ 5.

Fulano e Sicrano

O cotidiano recriado com humor e contado por mímica, jogo de palavras. Direção de Álvaro Assad. No elenco: Márcio Moura e Alvaro Assad, do Centro Teatral Etc e Tal. **Teatro Estação Beira-Mar Museu do Telephone** (Rua Dois de Dezembro, 63, Catete). Fone: 205-7876. Sexta a domingo, 19h. R$ 10.

Francisco de Assis

Musical sobre a vida do santo. De Ciro Barcellos. Direção de Demetrio Gil e Mimi Lessa. No elenco, Ciro Barcellos, Ricardo Graça Mello e Amora Pêra. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Nostradamus

A história do médico e astrólogo francês Michel de Notredame que prevê o futuro e acaba perseguido pela Inquisição e rechaçado pela nobreza. Texto de Doc Comparato. Direção, Renato Borghi. No elenco, Cecil Thiré, Laura Cardoso, Tonico Pereira e mais 12 atores. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

8 Mulheres

Suspense cômico em que oito mulheres se vêem envolvidas em um assassinato. Risadas, emoção e adivinhações garantidas. Texto de Robert Thomas, adaptado e dirigido por Darson Ribeiro. No elenco, Sylvia Bandeira, Myrian Pires, Ruth de Souza e Juliana Martins. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. Quarta, 21h. Quinta e sexta, 17h. Sábado, 18h. R$20. Sessões de quarta e quinta, R$30, com direito a chá.

O Poder do Hábito

Diretor obcecado quer transformar artistas do picadeiro em músicos. Texto de Thomas Bernhardt. Direção de Nehle Franke. No elenco, Sérgio Britto, Caco Monteiro, Cibele de Sá, Emmanuel Ferreira dos Santos e Hilton Cobra. **Teatro UniverCidade** (Rua Humaitá, 275, Humaitá). Fone: 527-1497. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.) e R$15 (sex., sáb. e dom.).

O SUL - Conto Dramatizado

Conto autobiográfico de Jorge Luís Borges: a memória de sua infância em Palermo. Roteiro de Maria Lucya de Lima e Mariluci Guberman. Com Rogério Fróes. Participação de Jaime Arôxa, Alberto Costa, Fernanda Schleder. **Espaço Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 503-8770. Dias 14, 15, 28 e 29 de setembro, às 19h. R$ 10.

O Veneno do Teatro

Antônio Abujamra relembra seus quase cinqüenta anos de carreira, contando gafes e fracassos. Texto e direção de Antônio Abujamra. No elenco, Antônio e André Abujamra. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Até 19 de setembro.

Os Cafajestes

Comédia de Aninha Franco, tripudiando sobre as mulheres. Direção de

TEATRO NO MULTISHOW. COMO DIRIA NELSON, ASSISTIR É O ÓBVIO ULULANTE.
MULTI SHOW
CANAL GLOBOSAT

EM CARTAZ

Fernando Guerreiro. No elenco, Jorge Vassilatos, Fabio Lago e Oswaldo Mil. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Por Um Novo Incêndio Romântico

Duas amigas visitam a Índia na esperança de que algo diferente mude suas vidas. Texto de Terence McNally. Direção de Felipe Hirsch. No elenco, Joana Fomm, Eliane Giardini e Letícia Sabatella. Sala Fernanda Montenegro do **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 3 de outubro.

Pra Quem Gosta de Mim – Cabaré 3

Musical filosófico escrito e dirigido por Domingos de Oliveira. No elenco, Domingos de Oliveira, Priscila Rozenbaum, Gisele Fróes e Joana Ribeiro. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Tartufo

Peça de Molière sobre as artimanhas e abusos de Tartufo, o falso devoto, que ludibria Orgonte colocando-o em conflito com sua família. Direção de Walter Lima Torres. No elenco, Paulo Trajano, José Caetano, Cecília Lage, Fidelys Fraga. Espaço III do **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Um Maridão na Contramão

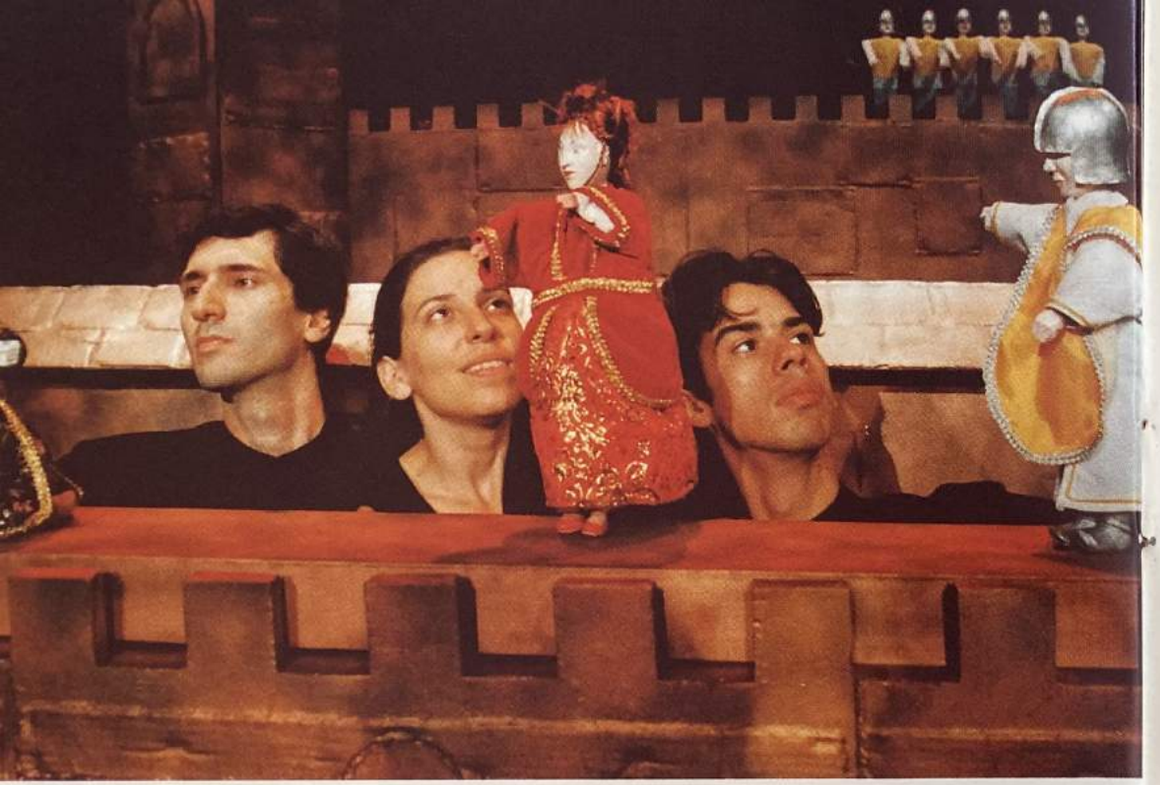
Comédia sobre um motorista de táxi bígamo e suas trapalhadas. Peça de Ray Cooney. Direção de João Bethencourt. No elenco, Osmar Prado, André Valli, Gláucia Rodrigues, Vânia Penteado, Élcio Romar, Gláucio Gomes e Márcio Ricciardi. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h30. R$ 20 (qui.), R$ 25 (sex. e dom.) e R$ 30 (sáb.).

Um Moliére Imaginário

Comédia baseada na obra *Doente Imaginário*, de Molière. Realização do Grupo Galpão. Direção de Eduardo Moreira. Dramaturgia e texto, Cacá Brandão. No elenco, Chico Pelúcio, Beto Franco, Julio Maciel. **Teatro Nelson Rodrigues** (Conjunto Cultural da Caixa, Av. Chile, 230). Fone: 262-0942. Terças e quartas, 20h. R$ 10.

SÓ PARA QUEM TEM MULTISHOW. MULTI SHOW

PROJETO RIO SUL
ASAS DA CULTURA
Alguns dos nossos maiores atores têm levado
seus personagens maravilhosos até você
nos aviões da Rio Sul. Eles voaram com
as centenas de passagens aéreas que o
Projeto Rio Sul Asas da Cultura já ofereceu
nos últimos três anos. O Projeto Rio Sul
Asas da Cultura foi criado para permitir que os
espetáculos teatrais cheguem a muito mais gente, em mais cidades de
todo o Brasil. Premiando o público com cultura e entretenimento de alto
nível, onde ele estiver. Projeto Rio Sul Asas da Cultura. Uma homenagem
ao teatro. Uma honra para a gente. Um presente para você.
Rio Sul
Toll Free: 0800-99-2004



Cadê o meu herói?

Brasil, China e Argentina unem-se e apresentam um espetáculo de bonecos para crianças e adultos. A técnica é chinesa. O texto, argentino. A concepção do espetáculo é do grupo Sobrevento. **Por Maria Lúcia Rangel**

Cadê o Meu Herói, que o Grupo Sobrevento estréia dia 18 de setembro no Teatro Gláucio Gil, é a primeira peça montada no Brasil com a técnica de fantoches chineses. Foi realizada através do intercâmbio entre bonequeiros de três países: China, Argentina e Brasil. Para a montagem - a peça estreou em São Paulo no final do ano passado e ficou seis meses em cartaz – vieram ao Brasil o chinês Yang Feng e o argentino Horacio Tignanelli, num trabalho conjunto de pesquisa e treinamento. Feng é representante de uma técnica de bonecos e malabarismo, e o responsável pela direção de manipulação do espetáculo. Horacio é o autor do texto. A concepção é do Grupo Sobrevento, e a direção geral de Luiz André Cherubini, com manipulação do diretor, de Sandra Vargas e Anderson Gangla.

O Grupo Sobrevento é um dos maiores especialistas brasileiros em Teatro de Bonecos e de Animação. Já fez temporadas e participou de festivais internacionais na Espanha, Chile, Colômbia e Peru, além de ter se apresentado em quase todo o Brasil. O grupo, com sede no Rio e em São Paulo, tem seis espetáculos em seu repertório: *Mozart Moments*, *Beckett*, *O Teatro de Brinquedos*, *Ubu*, *O Anjo e a Princesa* e, agora, *Cadê o Meu Herói?*, o último unindo simplicidade e tecnologia. Além do som digital com a trilha da peça, há efeitos especiais com raio laser e vôo de helicóptero. e No cenário, um castelo.

O enredo é uma releitura dos antigos romances de cavalaria. A tradicional história da donzela que é aprisionada na torre de um castelo por um barão malvado, e com quem não quer se casar. Enquanto isso, espera a chegada de um herói que a salvará. Depois de uma série de reviravoltas, chega-se à conclusão de que, na vida real, não existem heróis ou soluções milagrosas - e que o dilálogo é a melhor solução para todos os problemas.

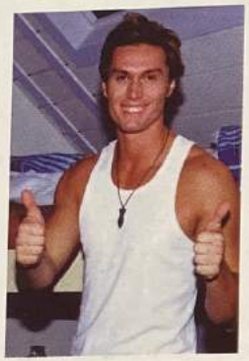
Se o texto é argentino, os bonecos são brasileiríssimos, criados por mestre Saúba, pernambucano considerado o maior escultor vivo de mamulengos. Feitos em madeira, os bonecos viabilizaram a técnica de manipulação chinesa, chamada de "luva chinesa", ensinada aos brasileiros durante um mês por Yang Feng.

"É uma técnica única", explica Luiz André Cherubini. Se na manipulação ocidental o boneco fica mais colado ao dedos, a luva chinesa deixa a mão solta dentro do boneco, permitindo maior agilidade e movimentos. Os bonecos dão cambalhotas e saltos mortais. Um delicioso espetáculo para adultos e crianças. ❖

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Um Maridão na Contramão



"Quem estiver disposto a assistir a um espetáculo de qualidade e, ainda por cima, dar muitas gargalhadas, não deve perder *Um Maridão na Contramão*, com Osmar Prado e André Valli. Como sempre a direção de João Bethencourt é impecável e o texto de Ray Cooney corresponde à expectativa. Divirtam-se!"

André Segatti, ator

O Zelador

"Minha sugestão é de que o público não deixe de ver *O Zelador*, tanto pelo texto de Harold Pinter quanto pelo elenco formado por Selton Mello, Marcos de Oliveira e Leonardo Medeiros. Todos estão muito bem em cena."

Jacqueline Laurence, atriz

Para Quem Gosta de Mim - Cabaré 3

"*Cabaré 3* é um espetáculo realmente imperdível. O texto e a direção são de Domingos de Oliveira, que também está no elenco, ao lado de Gisele Fróes, Priscila Rozenbaum e Joana Ribeiro. Quem estiver a fim de completar o programa do final de semana com qualidade, pode também ir à Fundição Progresso para ver *Alice Através do Espelho*. As duas produções são muito boas."

Karen Acioly, diretora

A.M.I.G.A.S.

"Não é só pelo fato de ter um elenco de atrizes jovens e bonitas que vale a pena assistir ao espetáculo *A.M.I.G.A.S*, mas principalmente pela competência com que o elenco se desenvolve no palco. Além disso, a direção é de Cristina Pereira, cujo nome fala por si só."

Thiago Lacerda, ator

SPOT

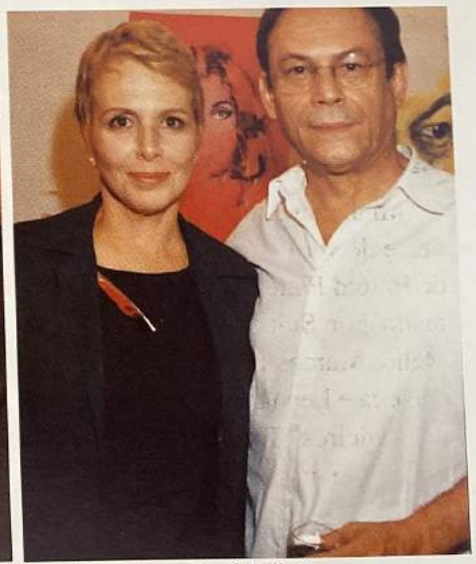
Na exposição de Otávio Avancini, sobre personagens de novela, na Galeria de Arte Atualidade

Walter Avancini

Luis Carlos Tourinho

Otávio Avancini

Luana Piovani e Rodrigo Santoro



Irene Ravache e José Wilker

Cena Aberta

Joana Fomm em *Uma Vez Mais*, 1989.

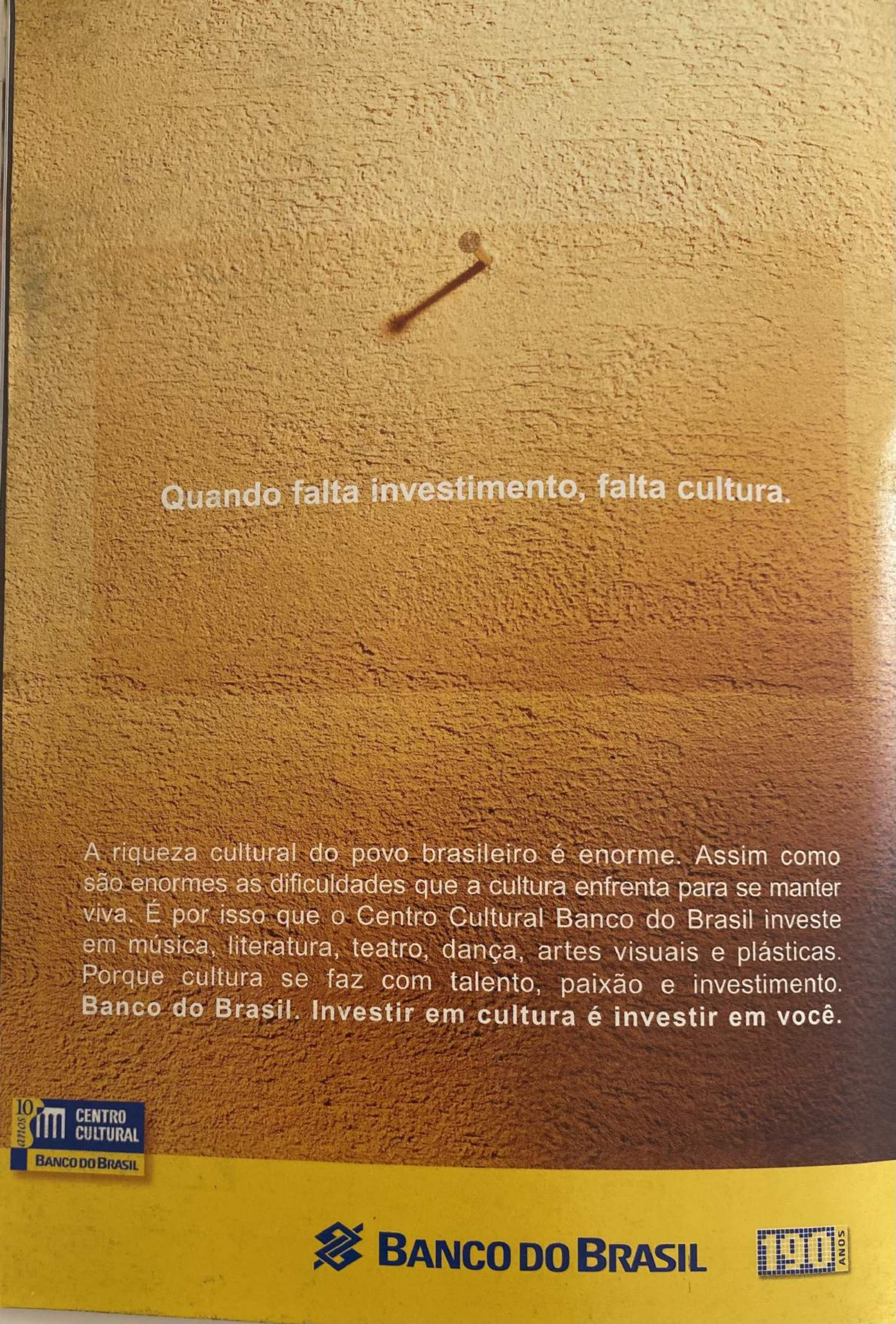
O mundo da cultura se encontra na Bolsa do Rio.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro


Quando falta investimento, falta cultura.
A riqueza cultural do povo brasileiro é enorme. Assim como são enormes as dificuldades que a cultura enfrenta para se manter viva. É por isso que o Centro Cultural Banco do Brasil investe em música, literatura, teatro, dança, artes visuais e plásticas. Porque cultura se faz com talento, paixão e investimento. Banco do Brasil. Investir em cultura é investir em você.
10 anos
CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL
BANCO DO BRASIL
90 ANOS